

AS AMIZADES NA ADAPTAÇÃO DO IMIGRANTE LATINO-AMERICANO

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.031-042>

Mariana Sarro Pereira de Oliveira

Professora Doutora do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) –
Campus Governador Valadares
E-mail: mariana.sarro@ifmg.edu.br

Agnaldo Garcia

Professor Doutor da Universidade Federal do Espírito Santo
Campus Goiabeiras

RESUMO

Alguns estudos sobre relações de amizade de imigrantes apontam que essas exercem um papel relevante no complexo processo de adaptação do imigrante ao novo país. Por isso, o objetivo desse estudo foi analisar o papel das novas amizades com compatriotas, nativos ou outros estrangeiros para a adaptação de imigrantes latino-americanos ao país atual. Participaram da pesquisa 40 imigrantes, divididos entre quatro grupos: A) 20 latino-americanos que residiam no Brasil; B) três brasileiros que residiam em outro país da América Latina; C) 12 brasileiros que residiam na Espanha; e D) cinco brasileiros que residiam em Portugal. O instrumento utilizado foi um questionário com perguntas abertas, enviado e recebido por e-mail, o que produziu relatos escritos, os quais passaram por análise qualitativa de conteúdo. Os principais resultados revelaram que os amigos de seu próprio país ou de outros países são fundamentais para a adaptação ao novo país, para suprir a falta de sua cultura, aumentar a sensação de pertencimento, dar apoio emocional e amenizar a solidão. Para a maioria dos participantes os amigos não substituem as relações com familiares do país de origem, mas preenchem o vazio deixado pela família. A grande maioria dos participantes sentiu alguma necessidade social como acolhimento, ajustamento ou adaptação à nova cultura. Por fim, em paralelo aos amigos, o caminho mais sugerido pelos participantes dos quatro grupos para uma melhor adaptação e ajustamento do emigrante a novas culturas foi a aproximação ou a abertura à nova cultura.

Palavras-chave: Amizade. Imigrantes. Latino-americanos. Adaptação.

1 INTRODUÇÃO

Segundo dados da Divisão de População da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, 2013), nos últimos anos houve um aumento importante no número de imigrantes latino-americanos e caribenhos, de um total estimado de 21 milhões em 2000 para um valor estimado em torno de 30 milhões em 2010, o que representa cerca de 13% dos 232 milhões de imigrantes no mundo. Em se tratando de três contextos, América-Latina, Espanha e Portugal, além de receberem elevado número de imigrantes atualmente (CEPAL, 2013; Gois, Marques, Padila & Peixoto, 2009; Hierro, 2013; Malheiros, 2007; Peixoto & Egreja, 2012), possuem possíveis aspectos culturais em comum devidos à questão da colonização da Espanha e Portugal na América Latina (Machado, 2006).

Por outro lado, juntamente com o relacionamento afetivo e as relações familiares, a amizade representa atualmente, uma das formas de relacionamento estudadas, passando a ser tema de investigação sistemática a partir dos anos 1980 (Garcia, 2005a; 2005b). A amizade desperta interesse pelos vários efeitos benéficos que suscita, inclusive envolvendo processos de adaptação como, por exemplo, a convivência harmoniosa e respeitosa com outras etnias (Antonio, 2004; Jacobson & Johnson, 2006), o favorecimento da inclusão social (Milem, Chang & Antonio, 2005), o acolhimento (Gomes & Silva-Junior, 2007) e a adaptação a situações novas (Garcia, 2012a; Garcia, Bitencourt-Neto, Moura & Pepino, 2010; Garcia, Brandão, Costa & Togatlian, 2010; Garcia, Dettogni, Costa & Togatlian, 2010; Garcia & Goes, 2010). Todavia, amizades relacionadas ao processo de migração internacional, assim como amizades entre pessoas de diferentes etnias, nacionalidades ou culturas ainda são pouco investigadas, especialmente na América Latina. Em uma revisão recente das amizades inter-étnicas, inter-raciais, interculturais e internacionais, Garcia e Miranda (2012) discutem a diversidade de pesquisas sobre o tema, destacando a importância social e cultural destas amizades. Segundo os autores, estas amizades ainda são pouco conhecidas.

Entre alguns tópicos investigados nas amizades inter-étnicas e inter-raciais está o papel da identificação racial e étnica nas escolhas de amigos (Kao & Vaquera, 2006) e nas atividades compartilhadas (Hunter & Elias, 1999). Relacionados à integração social, alguns estudos têm se voltado para o papel das majorias e minorias étnicas ou raciais e sua influência sobre as relações entre membros desses grupos. Vários estudos relacionam majorias e minorias étnicas e raciais e amizades. Fong e Isajiw (2000), por exemplo, examinaram os determinantes de padrões de amizades inter-étnicas entre um grupo minoritário e o grupo majoritário e amizades co-étnicas. A análise indicou que (1) a participação em atividades voltadas para o grupo étnico minoritário diminuía as chances de desenvolver amizades com o grupo majoritário; (2) características socioeconômicas individuais afetaram fortemente as amizades co-étnicas; (3) experiências prévias de amizade com o grupo majoritário estão relacionadas ao nível de laços de amizade com esse grupo.

Schwartz, Galliher e Domenech-Rodríguez (2011) investigaram a auto-revelação nas amizades inter e intraculturais de latinos e as ligações com coletivismo, identidade étnica e aculturação. Participaram 59 latinos internacionais (que viviam fora dos EUA) e 73 latino-americanos vivendo nos EUA. Os resultados revelaram que o tipo de relacionamento (amigo x conhecido) e a etnia do parceiro (latino x branco) estavam significativamente associados com auto-revelação. Participantes revelavam mais informações para amigos que conhecidos e mais para latinos que para americanos brancos.

Alguns estudos sobre relações de amizade de imigrantes no Brasil apontam que essas exercem um papel relevante no processo de adaptação do imigrante ao novo país. Uma pesquisa exploratória e descritiva, de natureza quantitativa, conduzida por Garcia (2012a), objetivou descrever alguns aspectos das amizades de estudantes universitários estrangeiros que residiam e estudavam no Brasil, bem como identificar o papel dessas amizades na integração social e cultural dos intercambistas, de acordo com eles próprios. Participaram do estudo 100 universitários estrangeiros, sendo 50 do sexo masculino e 50 do sexo feminino. Foi aplicado um questionário, cujos principais resultados foram: 1) a maioria dos amigos residia na mesma cidade ou região metropolitana; 2) o contato pessoal/ proximidade foram considerados importantes para o estabelecimento da relação de amizade; 3) os principais interesses comuns e atividades compartilhadas estavam associados a lazer, estudos, atividades científicas ou culturais, esportes, trabalho e religião; 4) a comunicação tornou-se menos intensa com os amigos do exterior, ao passo que se intensificou com os amigos brasileiros, aumentando a importância destes devido a sua disponibilidade e proximidade física; 5) as principais dificuldades nas amizades foram a distância dos amigos, as diferenças pessoais ou de personalidade, as dificuldades de comunicação e as diferenças culturais; e finalmente que 6) os amigos foram reconhecidos como exercendo um papel relevante tanto na adaptação quanto na visão que tinham do Brasil.

Garcia e Goes (2010) desenvolveram uma pesquisa qualitativa com o objetivo de descrever alguns aspectos das amizades de universitários estrangeiros de Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe que residiam no Brasil. Participaram da pesquisa dez estudantes de Guiné-Bissau e dois de São Tomé e Príncipe, com idades entre 20 e 33 anos. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, contendo perguntas fechadas e abertas. Os resultados referiram-se a interesses comuns (como estudo, lazer, cultura e relacionamentos) e atividades compartilhadas (como conversar, lazer, esportes, estudar, etc.), dificuldades da amizade (como características pessoais, comunicação, diferenças culturais, brigas, dentre outros) e episódios marcantes (relacionados ao lazer, à ajuda recebida, ao acolhimento, à ajuda dada e a eventos cotidianos). A maioria das amizades foi relevante para adaptação ao Brasil, mas apenas parte influenciou a forma de ver o país. Concluiu-se que os amigos são fundamentais para a adaptação social e cultural desses estudantes e servem de base para a cooperação cultural e científica.

Garcia e Rangel (2011) investigaram amizades de universitários cabo-verdianos residindo e estudando no Brasil, por meio de entrevista com 12 alunos de graduação. Os participantes citaram 109

amigos, sendo 81 de Cabo Verde, 18 brasileiros e seis angolanos, além de outros quatro amigos, cada um de nacionalidade diferente, sendo os idiomas mais utilizados o crioulo e o português. A maioria dos amigos (72) residia na Grande Vitória, e entre os 35 amigos mais próximos, 24 eram conhecidos de Cabo Verde. Dentre os resultados, destacou-se que os principais interesses em comum e atividades compartilhadas estavam relacionados a estudo e lazer. Os participantes destacaram o valor da amizade e a ajuda recebida. As dificuldades percebidas na amizade estavam relacionadas à distância dos amigos, características pessoais e dificuldade de comunicação. Os episódios marcantes estavam ligados a lazer e ajuda do amigo. A maioria das amizades foi considerada como relevante para a adaptação ao Brasil, mas apenas parte delas influenciou a forma como os estudantes percebiam o Brasil.

Costa (2012) desenvolveu um estudo qualitativo, cujo objetivo foi descrever as amizades na história de vida de imigrantes gregos vivendo no Espírito Santo, com outros gregos, brasileiros ou estrangeiros, com vistas a compreender as relações entre amizade e cultura, incluindo também amizades interculturais e o papel das amizades no processo de adaptação ou ajustamento à vida no Brasil. Participaram da pesquisa dez imigrantes gregos que vieram para o Brasil com dez anos de idade ou mais, e fora utilizado um roteiro para a entrevista. Os resultados indicaram que as amizades fazem parte da história desses imigrantes em um novo país. O significado da amizade incluiu amplitude, liberdade, espontaneidade, desinteresse, honestidade, sinceridade, fidelidade, confiança e longevidade. As principais dimensões da amizade foram similaridades e diferenças, proximidade e distância, apoio, reciprocidade e conflito. As relações entre amizade e contexto sociocultural incluíram receptividade e rejeição, adoção e adaptação, conexão e desconexão, amizade e comunidade no exterior, democracia, família, trabalho e escola. Concluiu-se, portanto, que a amizade atua como mediadora da adaptação do estrangeiro ao novo país, apesar de suas variações culturais, representando não somente uma condição atuante nas diversas tradições, mas permitindo a comunicação entre esses costumes, contribuindo para que imigrantes sintam-se acolhidos no seio cultural da nação que escolheram para viver.

Garcia, Costa e Pereira-Oliveira (2016) conduziram um estudo com cinco imigrantes portugueses e espanhóis vivendo no Brasil, que produziram relatos escritos sobre suas experiências de migração internacional e amizade. Os principais resultados revelaram que o contato com amigos que residiam no país de origem ocorria através de redes sociais virtuais e fontes de comunicação da *internet*, (como *Skype*, *WhatsApp*, *Facebook*, *Messenger*, *e-mails*) e pessoalmente quando viajavam. A rede de amigos dos participantes incluiu compatriotas que viviam no Brasil, no país de origem e em um terceiro país. Eles também mencionaram amigos brasileiros e de outros países, residindo no país de origem ou no Brasil. As amizades brasileiras se iniciaram nos ambientes de trabalho, em atividades sociais e eram parentes do cônjuge. As influências culturais foram apontadas como beneficiadoras das amizades no sentido de troca cultural e curiosidade pelo diferente. As atividades compartilhadas



incluiram conversação, refeições e atividades religiosas. Os amigos foram indicados como exercendo um papel relevante na adaptação ao novo país.

Alguns trabalhos sobre imigrantes na Espanha abordam a amizade, contudo, com foco na infância e adolescência, como as redes de amizade de espanhóis e filhos de imigrantes na escola (Miguel-Luken & Carvajal-Gutiérrez, 2007). Herrero, Fuente e Garcia (2011) investigaram o bem-estar subjetivo entre imigrantes latino-americanos na Espanha e o papel da integração social na comunidade. Os latino-americanos na Espanha são vistos como um grupo em risco de exclusão social. Os autores concluem que há relação estatisticamente significativa entre integração social e bem-estar social e apontam para a necessidade de promover a integração social desses imigrantes na comunidade.

Entrar em Portugal ou em outros países europeus, como a própria Espanha, tornou-se mais barato e seguro para os latino-americanos que entrar ilegalmente nos EUA (Gois *et al*, 2009). A imigração brasileira para Portugal é um fenômeno antigo, ocorrido desde o século XIX, porém o interesse por seu estudo científico é bem mais recente, concentrando-se na primeira década do século XXI. Apesar desse interesse, a literatura recente sobre a imigração brasileira em Portugal tem se debruçado principalmente sobre a inserção no mercado laboral (Gois *et al*, 2009; Machado, 2006).

Embora a imigração brasileira aconteça em diversos países de destino, existem semelhanças e diferenças quando à sua inserção, adaptação e formas de vida nesses diferentes contextos. Quando se fala de apoio ao imigrante, alguns autores utilizam o termo “redes sociais”, e comentam sobre as associações de brasileiros em Portugal, como a Casa do Brasil de Lisboa, por exemplo (Gois *et al*, 2009). Nessa perspectiva, estão inseridas as relações de amizade, como estratégia de apoio e colaboração ao imigrante.

Com base no exposto, o objetivo desse estudo foi analisar o papel das novas amizades com compatriotas, nativos ou outros estrangeiros para a adaptação de imigrantes latino-americanos ao novo país (países Latino-Americanos, Espanha e Portugal). A relevância da pesquisa está na originalidade da temática, bem como no direcionamento de possíveis caminhos para uma melhor adaptação e ajustamento do imigrante a novas culturas, promovendo sua melhor qualidade de vida na nação que escolheu para viver.

2 MÉTODO

O presente estudo pode ser considerado uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa, com características descritivas. Participaram da pesquisa 40 imigrantes (70% mulheres e 50% na faixa etária de 30 e 39 anos), divididos entre quatro grupos: A) 20 latino-americanos que residiam no Brasil; B) três brasileiros que residiam em outro país da América Latina; C) 12 brasileiros que residiam na Espanha; e D) cinco brasileiros que residiam em Portugal.

Cada participante foi identificado pela letra do grupo ao qual pertencia (A, B, C ou D) e por um número, sendo a caracterização dos mesmos descrita a seguir. o grupo A (latino-americanos no Brasil) inclui: A1, sexo masculino, 40 anos, Colômbia (país de origem), sete irmãos, negro, esposa colombiana e filho brasileiro, católico; A2, sexo masculino, 30 anos, Peru, um irmão, católico não praticante; A3, sexo masculino, 75 anos, Argentina, casado, um filho de casamento anterior, sem religião; A4, sexo feminino, 52 anos, Bolívia, dois irmãos, filho de seis meses; A5, sexo feminino, 40 anos, Argentina, filha única; A6, sexo feminino, 30 anos, Peru, católica não praticante; A7, sexo masculino, 33 anos, Colômbia, dois irmãos, mora com namorada, católico; A8, sexo feminino, 37 anos, Colômbia, um irmão, católica não praticante; A9, sexo masculino, 32 anos, Colômbia, divorciado, uma filha; A10, sexo feminino, 32 anos, Colômbia, quatro irmãos, sem filhos, cristã; A11, sexo feminino, 25 anos, México, três irmãos, solteira, evangélica; A12, sexo masculino, 27 anos, Chile, quatro irmãos, um filho, crenças próprias; A13, sexo feminino, 26 anos, Colômbia, duas irmãs, católica; A14, sexo feminino, 32 anos, Colômbia, um irmão, casada, filha de seis meses nascida no Brasil, católica não praticante; A15, sexo feminino, 55 anos, Argentina, uma filha argentina, católica; A16, sexo feminino, 36 anos, México, quatro irmãos, casada, um filho mexicano, atea; A17, sexo feminino, 29 anos, Cuba, um irmão, católica; A18, sexo masculino, 30 anos, Peru, dois irmãos, adventista do sétimo dia; A19, sexo feminino, 65 anos, Panamá, cinco irmãos, casada, dois filhos (um brasileiro e um estadunidense) e três netos; A20, sexo feminino, 40 anos, Peru, casada, um filho brasileiro, católica. O grupo B (brasileiros em outros países da América Latina) inclui: B1, sexo feminino, 33 anos, reside no Chile, mora com companheiro, sem filhos, não tem religião; B2, sexo feminino, 28 anos, reside no México, casada com um mexicano, um filho mexicano, católica não praticante; B3, sexo feminino, 33 anos, reside no México, uma irmã, casada pela segunda vez, não tem filhos, agnóstica. O Grupo C (brasileiros na Espanha) inclui: C1, sexo feminino, 35 anos, sete irmãos, divorciada, duas filhas, católica praticante; C2, sexo feminino, 28 anos, filha única, não tem filhos, não tem religião; C3, sexo feminino, 33 anos, uma irmã, casada, sem filhos; C4, sexo feminino, 30 anos, casada, católica; C5, sexo feminino, 37 anos, três irmãos, solteira, sem filhos, não pratica a religião católica; C6, sexo feminino, 27 anos, filha única, pais evangélicos, doutrina da qual discorda; C7, sexo masculino, 28 anos, católico não praticante; C8, sexo masculino, 33 anos, filho único, cristão protestante; C9, sexo masculino, 28 anos, mora com um amigo, sem filhos, não tem religião; C10, sexo masculino, 36 anos, um irmão, casado, um filho espanhol, sem religião; C11, sexo feminino, 41 anos, duas irmãs, católica, mas se identifica mais com doutrina espírita, sem filhos; C12, sexo masculino, 54 anos, filhos brasileiros, agnóstico. O grupo D (brasileiros em Portugal) inclui: D1, sexo feminino, 36 anos, sem religião; D2, sexo feminino, 41 anos, sem filhos, católica não praticante; D3, sexo feminino, 34 anos, um irmão, divorciada, sem filhos, católica praticante; D4, sexo feminino, 29 anos, casada,

sem filhos, sem religião, mas não se considera atea; D5, sexo feminino, 32 anos, uma irmã, solteira, sem religião.

O instrumento utilizado foi um questionário com perguntas abertas, enviado e recebido por *e-mail*, o que produziu relatos escritos. Foi feito um procedimento piloto com um voluntário brasileiro e que morou na Espanha por aproximadamente seis anos para teste do instrumento.

No total, foram feitos contatos diretos por *e-mail* com universidades e instituições de ensino nacionais e internacionais, bem como por mensagens em redes sociais com aproximadamente 1.000 pessoas, entre agosto de 2014 e janeiro de 2016. Em todos os contatos diretos feitos, foi utilizada a técnica de “bola de neve”, ou seja, era pedido que cada potencial participante indicasse outros, os quais, por sua vez, indicariam outros, e assim sucessivamente (Alves-Mazzoti e Gewandsznajder, 1999). Depois de realizar uma leitura prévia, organizar e preparar os dados, bem como lê-los minuciosamente várias vezes, procedeu-se à sua análise detalhada com um processo de codificação (interpretação das falas), e posterior organização do material em categorias, com base em análise qualitativa de conteúdo (Flick, 2004; Flick, 2009).

O projeto da pesquisa fora aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo – *Campus* Goiabeiras, sob o CAAE (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética) de número 34551714.5.0000.5542 em 29/08/2014.

3 RESULTADOS

Participantes dos quatro grupos disseram que os amigos de seu próprio país ou de outros países são fundamentais para a adaptação ao novo país, inclusive para suprir a falta de sua cultura. Para todos os grupos esses amigos também significam fonte de apoio emocional ou suporte.

Participantes dos grupos A, B e C comentaram sobre a importância tanto dos amigos do país de origem quanto dos amigos do novo país: os do país de origem dão apoio social, segurança e acolhimento, amenizam a saudade e os conectam com sua cultura; os amigos do novo país facilitam a adaptação e aceitação da nova cultura, amenizam a solidão e aumentam a sensação de aceitação. De fato, segundo a literatura (Costa, 2012; Garcia, 2012a; Garcia *et al*, 2016; Garcia & Goes, 2010; Garcia & Rangel, 2011) os amigos exercem um papel relevante na adaptação ao novo país.

Sobre a questão que tratava do significado das amizades para a percepção do país onde mora atualmente, os participantes do grupo A disseram que são importantes, são a família deles no Brasil, com quem se pode passar o tempo, superficiais, que as amizades têm pouco ou nenhum significado, dentre outras características pontuais.

Para duas participantes do grupo B, as amizades foram importantes para adentrarem na cultura do país atual. Essa questão de maior adaptação e integração à nova cultura também foi trazida por participantes dos grupos C e D, significando que os amigos possuem importante papel nesse processo

de apropriação e imersão na nova cultura. Também no estudo de Garcia (2012a) os amigos foram reconhecidos como exercendo um papel relevante na visão do novo país. No estudo de Garcia, Dettogni *et al* (2010), sete dos 20 entrevistados não perceberam mudanças na imagem que tinham do país após a amizade; para os outros, a imagem melhorou.

Com relação ao significado das amizades na vida do imigrante como alguém que passou a viver em outro país, participantes dos quatro grupos disseram que as mesmas são fundamentais em várias instâncias: no processo adaptativo como um todo, para a questão do pertencimento ao país, de dar apoio emocional e amparo, de dar forças no processo de migração e para não se sentirem sozinhos. Para os grupos A e C, os amigos significam a família dos participantes no novo país ou ao menos suprem a saudade da família e dos amigos do Brasil (para o grupo C).

Uma contradição apareceu entre participantes dos grupos A e D: para uma participante peruana, a distância física atrapalha a amizade, pois mesmo com contato virtual, nada substitui o contato físico com o amigo; já para uma participante brasileira em Portugal a distância física aproxima, porque a distância da família desconcentra a atenção e o contato com os amigos brasileiros se tornam mais uma ligação com o país de origem. Segundo a literatura (Garcia, 2012a; 2012b; Garcia, Brandão *et al*, 2010; Garcia, Dettogni *et al*, 2010), a distância física realmente diminui a probabilidade ou dificulta o contato com os amigos.

Para os participantes do estudo de Garcia *et al* (2016), a amizade é importante não apenas no contexto de migração, mas na vida em geral. Os amigos ajudam a conhecer melhor o país de destino e ajudam os imigrantes a se adaptarem a um novo país, fornecendo informações, companhia, ajuda e até segurança.

Para a maioria dos participantes dos grupos A (11 de 20), C (nove de 12) e D (quatro de cinco), os amigos não substituem as relações com familiares do país de origem (no grupo D, para uma participante substituem, para outra é relativo e para outra não substituem). Todavia, participantes dos quatro grupos que pensam que não há essa substituição, pois são relações distintas, alegaram que os amigos preenchem o vazio deixado pela família com amor e carinho, ajudam a suportar a falta dos familiares ou a sentir menos falta dos mesmos, bem como cumprem o papel da família em apoiar, incentivar e fazer feliz. Ainda, para uma participante do grupo C, a substituição existe, mas apenas com amigos brasileiros, indicando uma maior aproximação ou intimidade com compatriotas.

De qualquer maneira, familiares e amigos parecem ser categorias distintas, como aponta a literatura. Para Bell (1981 apud Souza & Hutz, 2008), na amizade é fundamental a ausência de laços familiares, justificada pelas comparações e competições entre familiares e amigos e pela impossibilidade de escolha dos próprios familiares ou parentes.

A grande maioria dos participantes dos quatro grupos sentiu alguma necessidade social como acolhimento, ajustamento ou adaptação à nova cultura (17 de 20 no grupo A; duas de três no B; nove

de 12 no C; e quatro de cinco no D). O termo adaptação foi o mais citado pelos grupos A e D e o termo acolhimento o mais mencionado pelo grupo C. A adaptação se referiu a aspectos da cultura local, como idioma (citado pelos grupos A, B e D), costumes, comida, transporte e ao próprio lugar. Outros termos utilizados foram: ajustamento à nova cultura, necessidade de aceitação social, de estabelecimento de vínculos e acomodação à nova cultura. Com relação ao ajustamento à nova cultura, uma participante panamenha (do grupo A) relatou que teve que ajustar seu comportamento, pois a cultura brasileira é menos liberal que a panamenha, "... deixando de lado os risos estrondosos, o toque nas pessoas quando conversava, as demonstrações de afeto, a dança contínua, o falar duro, etc." (A19). Nesse caso, os brasileiros parecem ter menos contato físico em suas amizades que os panamenhos.

Sobre como os participantes lidaram com essas necessidades sociais de adaptação, acolhimento, ajustamento, aceitação, estabelecimento de vínculos e acomodação à nova cultura, a forma mais citada pelos quatro grupos foi através das amizades, incluindo as latino-americanas (no grupo A). Esse dado mostra novamente a importância dos amigos no processo de adaptação do imigrante.

Conhecer ou estar aberto à nova cultura e às pessoas no novo país foi apontado pelos grupos A, C e D como forma de enfrentamento diante dessas necessidades sociais iniciais no país atual. Alguns aspectos foram mencionados pelos grupos A e C também como forma de lidar com essas novas necessidades: os familiares, o tempo, o apoio de nativos e família nativa que acolheram em casa, de serviços de informação ao imigrante, de escola das filhas e de colegas de universidade. O apoio da igreja foi mencionado pelos grupos C e D, sugerindo uma aproximação religiosa entre Brasil, Espanha e Portugal.

Para os participantes do estudo de Garcia *et al* (2016), a adaptação envolve relações sociais e instituições sociais. A respeito das relações sociais, a falta das pessoas amadas deixadas no país de origem e a sensação de solidão são dificuldades encontradas no processo de adaptação à nova cultura. Com relação às instituições brasileiras, alguns participantes do estudo encontraram dificuldades em se adaptar a níveis elevados de burocracia e desorganização. A burocracia também foi apontada como um aspecto desfavorável na opinião dos imigrantes latino-americanos sobre o Brasil nesse estudo.

Por fim, em paralelo aos amigos, o caminho mais sugerido pelos participantes dos quatro grupos para uma melhor adaptação e ajustamento do emigrante a novas culturas foi a aproximação ou a abertura à nova cultura, com menção aos novos costumes e hábitos culturais como idioma, alimentação, religião, história, música e artes. Outro caminho que apareceu como sugestão nos quatro grupos foi o de não comparar a cultura do país de destino com a cultura do país de origem, não trazer costumes do país de origem para o novo, não impor esses costumes, não exigir que a cultura do país atual mude conforme a cultura do país de origem, enfim, respeitar a nova cultura e aceitar as diferenças culturais entre os dois países.

Com relação a abertura à nova cultura, o estudo de Silva e Schiltz (2007) traz dados interessantes: de que a maioria dos participantes (62,9%) discorda de que é importante os imigrantes brasileiros tornarem-se parecidos com os portugueses na maneira de se comportar, de se vestir e de falar e 88,8% concordam que a valorização da cultura de origem é importante para a integração dos imigrantes. Porém, 76,9% acham que os filhos de imigrantes devem interiorizar os valores da sociedade portuguesa. Então, segundo a pesquisa de Silva e Schiltz (2007), devem ser preservados elementos da cultura de origem, mas também devem ser incorporados valores e hábitos culturais do novo contexto para uma melhor convivência com o mesmo.

Outra sugestão dada pelos grupos A, C e D foi a aproximação de nativos e de outros estrangeiros, inclusive com apontamentos para se estabelecer amizades com os nativos (segundo grupos C e D). Um possível caminho para uma melhor adaptação e ajustamento do emigrante sugerido pelos grupos A, B e C foi o novo país fornecer orientações sobre os trâmites migratórios, ou os processos burocráticos e legais pelos quais o imigrante tem que passar, de preferência no idioma do imigrante, com informações importantes sobre moradia, transporte, comunicação, entre outros. Inclusive, como as universidades recebem muitos imigrantes, uma participante do grupo A sugeriu que elas ofereçam “... acompanhamento às necessidades e ao processo de adaptação das pessoas.” (A13). Também foi sugerido pelos grupos A, C e D que manter vínculos com pessoas do país de origem ajuda nos processos de adaptação e ajustamento à nova cultura.

Com relação aos imigrantes dessa pesquisa, a despeito de fazerem referência a uma preservação de elementos da cultura de origem em alguns momentos, a maioria dos relatos ao longo do trabalho mostra uma tendência a sobrepor a nova cultura a sua cultura de origem. Esse dado reflete ainda, infelizmente, a existência de relações de poder e dominância da cultura majoritária sobre as culturas minoritárias, como a de imigrantes.

Segundo Berry (2005), a “aculturação” é um processo de mudanças culturais e psicológicas que envolve várias formas de acomodação mútua, resultado do contato entre duas ou mais culturas e seus membros. A migração é uma situação que exige essas mudanças, tanto em nível individual/psicológico quanto no grupal/cultural. Enquanto a aculturação é um processo que permanece enquanto houver o contato de duas culturas diferentes, a adaptação em longo prazo para viver na nova cultura assume várias formas, resultando em algumas acomodações em meio ao novo grupo cultural. Essa acomodação inclui, por exemplo, o aprendizado da nova língua, compartilhamento de preferências gastronômicas, adoção de formas de se vestir e de interações sociais, características da nova cultura. Obviamente, essas adaptações podem gerar conflitos culturais e estresse durante as interações interculturais (Berry, 2005).

Em uma teoria revisada, Berry (2011) traz o conceito de sociedades culturalmente plurais, muitas das quais são produtos de fenômenos internacionais como colonização, escravidão e



movimentos de imigrantes e refugiados. Por isso mesmo, o que acontece geralmente é a imposição da cultura principal ou dominante sobre as culturas das minorias étnicas. Entretanto, a relação entre duas culturas não é unidimensional, e sim multidimensional, já que as relações interculturais são mútuas e recíprocas. Nessa teoria percebe-se um avanço com relação à aculturação, sendo essa última permeada por relações de poder.

Do ponto de vista da cultura do imigrante, quando os indivíduos não desejam manter sua identidade cultural e interagem diariamente com a outra cultura (estão abertos a ela), a estratégia definida é a assimilação. Em contrapartida, quando os indivíduos desejam manter sua cultura de origem e evitam a interação com a nova cultura, a alternativa definida é a separação. Quando há um interesse tanto em manter a cultura de origem quanto em interagir com a nova cultura, a opção é a integração. Finalmente, quando há um pequeno interesse em manter a cultura de origem (frequentemente por razões de perda cultural imposta) e um pequeno interesse em estabelecer relações com a nova cultura (geralmente por razões de exclusão ou discriminação), a marginalização é definida (Berry, 2011). Na integração o imigrante tende a possuir amigos de sua nacionalidade e também amigos nativos; na separação, o imigrante parece preferir amizades de seu próprio grupo étnico (Berry, 2005).

Para Berry (2005), a integração é a melhor forma de adaptação, e a marginalização a pior. Assim, a assimilação e a separação são estratégias de adaptação intermediárias. Presume-se que a integração seja a melhor forma de adaptação porque, engajado nas duas culturas, os indivíduos passam a possuir competência, redes de apoio e suporte social em ambas durante as mudanças da aculturação (Berry & Sabatier, 2011), incluindo amigos no país de origem e no país de destino.

Entretanto, infelizmente as estratégias de vivência na nova cultura nem sempre são livremente escolhidas pelo imigrante, e sim impostas pela cultura dominante. Por exemplo, a integração só é alcançada com sucesso pelos grupos minoritários quando a sociedade dominante é aberta e inclusiva em sua orientação com relação à diversidade cultural. Então, do ponto de vista da sociedade dominante, quando a assimilação é imposta pela mesma, o que acontece com o imigrante é uma fusão à cultura nova; quando o imigrante é forçado a adotar a estratégia de separação, ele sofre segregação; quando a imposição acontece com relação à integração, o processo que ocorre com o imigrante é o multiculturalismo; e quando a sociedade dominante impõe o processo de marginalização, o imigrante sofre exclusão (Berry, 2011).

Tanto a integração quanto o multiculturalismo estão baseados na aceitação de dois valores subjacentes: diversidade e equidade. Se há diversidade sem aceitação da equidade, o resultado é a separação/segregação; se há equidade sem aceitação da diversidade, o resultado é a assimilação/fusão; se não há aceitação de nenhum valor, o resultado é a marginalização/exclusão. Somente quando há o equilíbrio dos dois valores, entre indivíduos e sociedade no geral, a integração e o multiculturalismo social são atingidos (Berry, 2011).

Destarte, o termo aculturação (Berry, 2005) foi sendo substituído pelo de multiculturalismo (Berry, 2011), enfatizando o valor da diversidade cultural em um contexto constituído por vários povos, e a promoção da participação igualitária de todos os grupos, majoritário e minoritários, nesse contexto.

Assim como ocorreu com o termo “aculturação”, mais recentemente, o conceito de “multiculturalismo” também vem sendo substituído pelo de “interculturalidade”, que é “um conjunto de propostas de convivência democrática entre diferentes culturas, buscando a integração entre elas sem anular sua diversidade” (Vasconcelos, 2017). Ou seja, a interculturalidade implica uma interação significativa das culturas em contato, através do diálogo e do conhecimento mútuo. De acordo com essa perspectiva, cada cultura tem sua importância e juntas se enriquecem, formando uma cultura em comum. Portanto, a interculturalidade pressupõe o reconhecimento das contribuições de todos, incluindo imigrantes e minorias (Bäckström & Castro-Pereira, 2012), e não a perda da cultura de origem e subordinação à cultura de poder, características da aculturação.

A principal diferença entre os conceitos de multiculturalismo e interculturalidade é que o primeiro entende as populações como culturalmente estanques (Bäckström & Castro-Pereira, 2012).

“Cada minoria étnica é vista como socialmente homogênea e com fronteiras bem definidas, sendo sobrevalorizada a diversidade étnica e ignorados outros fatores como a classe social, gênero ou religião, que contribuem igualmente para a construção das identidades e introduzem diferenças de valores e estilos de vida. Ao contrário do que defende o multiculturalismo, esses fatores combinam-se de forma complexa e são acionados pelos imigrantes de acordo com o contexto” (Bäckström & Castro-Pereira, 2012, p. 88).

Em se tratando desse estudo, o que se vê na prática ainda é um processo de aculturação, em que as estratégias de adaptação/ acomodação mais adotadas são 1) a assimilação, quando os participantes defendem a aproximação/abertura à nova cultura e não imposição de sua cultura ao novo país, e parcialmente 2) a integração, quando revelam que possuem orgulho de suas origens, contato com seus países de origem, tanto amigos compatriotas quanto nativos e entendimento de que as duas culturas devem se esforçar para conviverem bem. Entretanto, a integração provavelmente não é permitida em sua totalidade pelos grupos majoritários em questão e, conseqüentemente, o multiculturalismo (Berry, 2011) não acontece na prática. Parece, grosso modo, ainda não haver pleno respeito à diversidade nem equidade entre os povos tratados aqui, o que resulta em um processo de marginalização/exclusão dos imigrantes, ainda que velados. Ou seja, a interculturalidade, que preconiza o respeito à diversidade étnica, religiosa, econômico-social, relacional, sexual, dentre outras, englobando duas ou mais culturas, ainda está longe de ser atingida com êxito no processo migratório como um todo.

4 CONCLUSÕES

Há duas décadas Hinde (1997) já via uma interação recíproca entre indivíduo e cultura em que está inserido. De acordo com sua teoria, o indivíduo é construído e formado pelas suas interações,

relacionamentos e grupos aos quais pertence (familiares, amistosos, amorosos, profissionais, religiosos, sociais no geral), além de ser afetado pela estrutura social e ambiente cultural em que está inserido. Mutuamente, esse indivíduo também afeta e influencia suas interações, relacionamentos, grupos e estrutura sociocultural que o rodeia. Todavia, provavelmente o autor não idealizava que uma cultura fosse predominante à outra quando ambas estivessem em contato. Diante disso, o imigrante teria maior dificuldade em influenciar a cultura dominante na qual está inserido.

Quando o imigrante sai de seu ambiente cultural e se insere em outro, com suas idiossincrasias, ele é forçado a desenvolver um novo repertório comportamental de enfrentamento para se adaptar e viver bem. Indubitavelmente esse é um processo muito árduo, pois esse imigrante passou anos de sua vida imerso em sua cultura, sendo moldado por ela e pelas relações estabelecidas em seu meio (e dialeticamente moldando-as). Em pouco tempo precisa estar aberto e incorporar em seu padrão comportamental regras, valores e normas culturais que desconhecia ou que não lhe eram familiares.

Hinde (1997) aborda essa complexidade de comportamentos, interações e relacionamentos específicos e característicos de cada contexto cultural e social. Entretanto, a complexidade torna-se maior em um contexto cultural desconhecido, aumentando ainda mais quando a sociedade majoritária impõe sua cultura aos grupos minoritários.

De acordo com os participantes dessa pesquisa, é funcional e saudável incorporar elementos da nova cultura em seu repertório, ou seja, realmente a adaptação é necessária, mas com reciprocidade. Porém, o que fica evidentemente claro é que a contrapartida não acontece. Em outras palavras, é apenas o imigrante que deve se abrir e se adaptar à cultura predominante, pois essa cultura, e conseqüentemente seus nativos, não estão muito abertos e dispostos a incorporar elementos das culturas minoritárias com as quais convivem. Talvez os participantes não tenham consciência dessa relação pouco igualitária, e mesmo que alguns tenham, não podem expressar uma opinião tão divergente do que acontece na prática. Provavelmente seriam segregados ou excluídos do contexto.

Então, o que resta aos imigrantes para terem uma vida com qualidade, saúde mental e paz é lançar mão das estratégias disponíveis: amigos e abertura à cultura local. Quando os participantes se propõem a estar abertos ou se aproximarem da nova cultura enquanto imigrantes, eles estão sendo humildes, além de desbravadores e corajosos. Quando lançam mão dos amigos para se favorecerem nesse processo de inserção cultural, estão sendo perspicazes.

Enfim, esse estudo apontou que os amigos podem mediar o processo de inserção à nova cultura de forma mais eficiente e até mesmo prazerosa, na medida em que apresentam as informações culturais de maneira mais prática e acessível ao imigrante recém-chegado. O processo de migração é caracterizado pelo enfrentamento de diversas situações novas e, principalmente, sem o migrante possuir o suporte social que possuía em seu país de origem. Por isso, os amigos surgem como forte e funcional estratégia de enfrentamento diante dessa nova fase da vida. Essa informação pode subsidiar



políticas públicas, governamentais, acadêmicas, dentre outras, no processo de acolhimento dos imigrantes nos diversos países, não apenas nos Estados Unidos. Poder-se-iam promover encontros direcionados aos imigrantes, na tentativa de estimular relações de amizade tanto com nativos, quanto com compatriotas e outros estrangeiros. Ou seja, as relações de amizade poderiam ser um caminho para sociedades plurais dotadas de maior interculturalidade, com todas as propriedades inerentes à mesma: equidade, respeito à diversidade, tolerância, empatia e solidariedade.



REFERÊNCIAS

- Alves-Mazzotti, A. J. & Gewandsznajder, F. (1999). O planejamento de pesquisas qualitativas. In: Alves-Mazzotti, A. J. & Gewandsznajder, F. (Eds.). *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. (p. 147-178). São Paulo: Pioneira.
- Antonio, A. L. (2004). The influence of friendship groups on intellectual self-confidence and educational aspirations in college. *The Journal of Higher Education*, 75(4), (p. 446-471).
- Bäckström, B. & Castro-Pereira, S. (2012). A questão migratória e as estratégias de convivência entre culturas diferentes em Portugal. *Rev. Inter. Mob. Hum*, Brasília, ano XX, 38, (p. 83-100).
- Berry, J. W. (2005). Acculturation: living successfully in two cultures. *International Journal of Intercultural Relations*, 29. (p. 697-712). Elsevier. DOI:10.1016/j.ijintrel.2005.07.013.
- Berry, J. W. (2011). Integration and multiculturalism: ways towards social solidarity. *Papers on Social Representations*, 20, (p. 2.1-2.21), ISSN 1021-5573.
- Berry, J. W. & Sabatier, C. (2011). Variations in the assessment of acculturation attitudes: their relationships with psychological wellbeing. *International Journal of Intercultural Relations*, Elsevier. DOI: 10.1016/j.ijintrel.2011.02.002.
- CEPAL (2013). *Contribuciones de la cepalen el campo de la migración internacional desde los derechos humanos y el desarrollo*. Montevideo: CEPAL.
- Costa, L. Q. M. (2012). *Amizades interculturais: um estudo com gregos no Espírito Santo*. Tese de doutorado em Psicologia. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. Vitória – ES.
- Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2 ed. Porto Alegre: Bookman.
- Flick, U. (2009). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed.
- Fong, E. & Isajiw, W.W. (2000). Determinants of friendship choices in multiethnic society. *Sociological Forum*, 15(2), (p. 249-271).
- Garcia, A. (2005a). Psicologia da amizade na infância: uma revisão crítica da literatura recente. *Interação em Psicologia*, 9(2), (p. 285-294).
- Garcia, A. (2005b). Relacionamento interpessoal: uma área de investigação. In: Garcia, A. (Org.). *Relacionamento interpessoal: Olhares diversos*. (p. 7-27). Vitória: UFES.
- Garcia, A. (2012a). Amizades de universitários estrangeiros no Brasil: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 29(4), (p. 471-479).
- Garcia, A. (2012b). Amizades internacionais de universitários brasileiros: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia*, 17(2), (p. 313-319).
- Garcia, A., Bitencourt-Neto, C., Moura, L. T. & Pepino, C. B. (2010). Amizades internacionais de universitários brasileiros: uma análise dos episódios marcantes. In: Garcia, A. (Org.). *Relacionamento interpessoal: uma perspectiva interdisciplinar*. (p. 196-208). Vitória: Associação Brasileira de Pesquisa do Relacionamento Interpessoal – ABPRI.



Garcia, A.; Brandão, L. R.; Costa, L. Q. M. & Togatlian, M. A. (2010). Amizades interamericanas de estudantes universitários brasileiros: um estudo descritivo. In: Garcia, A. (Org.). *Relacionamento interpessoal: uma perspectiva interdisciplinar*. (p. 169-181). Vitória: Associação Brasileira de Pesquisa do Relacionamento Interpessoal – ABPRI.

Garcia, A.; Costa L. Q. M. & Pereira-Oliveira, M. S. (2016). The friendships of international migrants in Latin America. In: Garcia, A. (Ed.) *International friendships: the interpersonal basis of a worldwide community*. Newcastle upon Tyne, UK: Cambridge Scholars Publishing, p. (26-41).

Garcia, A., Dettogni, F. G., Costa, L. Q. M. & Togatlian, M. A. (2010). Amizades intercontinentais de estudantes universitários brasileiros: um estudo exploratório. In: Garcia, A. (Org.). *Relacionamento interpessoal: uma perspectiva interdisciplinar*. (p. 182-195). Vitória: Associação Brasileira de Pesquisa do Relacionamento Interpessoal – ABPRI.

Garcia, A. & Goes, D. C. (2010). Amizades de estudantes africanos residindo no Brasil. *Psicologia: Teoria e prática*, 12(1), (p. 138-153).

Garcia, A. & Miranda, R. F. (2012). Amizades interculturais, inter-étnicas, inter-raciais e internacionais. In: Souza, L. K. & Hutz, C. S. (Orgs.). *Amizade em contexto: desenvolvimento e cultura* (p. 229-260). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Garcia, A. & Rangel, P. M. V. (2011). Amizades de universitários cabo-verdianos no Brasil. *Psicologia Argumento*, 29, (p. 201-208).

Gois, P., Marques, J. C., Padilla, B. & Peixoto, J. (2009). Segunda ou terceira vaga? As características da imigração brasileira recente em Portugal. In: Padilla, B. & Xavier, M. (Orgs.). *Revista Migrações – Número Temático Migrações entre Portugal e América Latina*, 5. (p. 111-133). Lisboa: ACIDI.

Gomes, L. G. N. & Silva-Junior, N. (2007). Sobre a amizade em tempos de solidão. *Psicologia e Sociedade*, 19(2), (p. 57-64).

Herrero, J., Fuente, A. & Gracia, E. (2011). Covariates of subjective well-being among Latin American immigrants In Spain: the role of social integration in the community. *Journal of Community Psychology*, 39(7), (p. 761–775).

Hierro, M. (2013). Latin american migration to Spain: main reasons and future perspectives. *International Migration*.

Hinde, R. A. (1997). *Relationships: a dialectical perspective*. Cambridge – UK: Psychology Press.

Hunter, L. & Elias, M. J. (1999). Interracial friendships, multicultural sensitivity, and social competence: how are they related? *Journal of Applied Developmental Psychology*, 20(4), (p. 551-573).

Jacobson, C. K. & Johnson, B. R. (2006). Interracial friendship and African American attitudes about interracial marriage. *Journal of Black Studies*, 36, (p. 570-584). DOI: 10.1177/0021934705277472.

Kao, G. & Vaquera, E. (2006). The salience of racial and ethnic identification in friendship choices among hispanic adolescents. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 28(1), (p. 23-47).

Machado, I. J. R. (2006). Imigração em Portugal. *Estudos Avançados*, 20(57), (p. 119- 35).

Malheiros, J. M. (2007). *Imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: Paulinas Editora; Artipol. ISBN: 978-989-8000-30-9.



Miguel-Luken, V. de & Carvajal-Gutiérrez, C. (2007). Percepción de la inmigración y relaciones de amistad con los extranjeros en los institutos. *Migraciones (Madrid)*, (22), (p. 147-190).

Milem, J. F., Chang, M. J. & Antonio, A. L. (2005). Making diversity work on campus: a research-based perspective. *Making Excellence Inclusive*. Association of American Colleges and Universities.

Peixoto, J. & Egreja, C. (2012). A força dos laços fracos: estratégias de emprego entre os imigrantes brasileiros em Portugal. *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*, 24(1), (p. 263-181).

Schwartz, A.L., Galliher, R.V. & Domenech-Rodríguez, M. M. (2011). Self-disclosure in Latinos' intercultural and intracultural friendships and acquaintanceships: links with collectivism, ethnic identity, and acculturation. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 17(1), (p. 116-121).

Silva, S. & Schiltz, A. (2007). A relação entre os imigrantes brasileiros e os portugueses – a construção de imagens recíprocas. In: Malheiros, J. M. (Org.). (2007). *Imigração brasileira em Portugal*. (p.155-170). Lisboa: Paulinas Editora; Artipol. ISBN: 978-989-8000-30-9.

Souza, L. K. & Hutz, C. S. (2008). Relacionamentos pessoais e sociais: amizades em adultos. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 13(2), (p. 257-265).

Vasconcelos, L. M. (2017). Interculturalidade. *Mais Definições em Trânsito*. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/INTERCULTURALIDADE.pdf>. Acesso em 20 de junho de 2017.